

NA TARDE EM QUE HOSSI APOLÓNIO KALEY MORREU pela segunda vez, dois anos antes de terminar a guerra, eu procurava num quintal do Huambo memórias de mim próprio. À frente da casa onde nasci e vivi toda a infância e adolescência abria-se, como nos tempos antigos, um horizonte imenso. O Sol continuava a deitar-se sobre o capinzal, uma bola enorme, redonda e vermelha, e logo depois a noite caía. O menino que fui gostava de ficar estendido de costas num dos ramos mais altos do abacateiro, enquanto o firmamento se abria, lá em cima, deixando ver os milhões de estrelas em movimento, como pirilampos relampejando num poço.

O abacateiro ainda lá estava. Tinham derrubado as nespereiras e goiabeiras, cortado todas as pitangueiras. Só o abacateiro continuava no mesmo lugar, apenas um pouco mais alto e com o tronco muito maltratado. O quintal foi transformado num parque de estacionamento. A casa, meio arruinada, coberta por um pó de décadas, cor de ferrugem, abrigava um Centro de Recrutamento Militar. O escritório do meu pai passara a ser uma tesouraria. As estantes, presas às paredes, eram as mesmas, mas estavam cheias de dossiês. Ernesto Benchimol teve uma boa biblioteca. Lembro-me das enciclopédias. Havia várias coleções, algumas compostas por dezenas de volumes, como a Enciclopédia Luso-Brasileira. O meu pai apreciava sobretudo a Lello Universal, em dois volumes. Tudo isso desaparecera. Tudo não. Descubri, a um canto, muito mal tratado, um raro exemplar do segundo tomo da Grande Enciclopédia dos Mundos. Agarrei-me ao volume, comovido, e limpei-o com a fralda da camisa. Um funcionário, que dormitava à secretária, com a cabeça entre as mãos, estranhou a atitude:

—O que está a fazer com o livro?

—É meu! — rosnei. — Vou levá-lo.

O homem ergueu-se, ameaçador:

—Não vai, não!

Era a hora do almoço. Estávamos sozinhos. Os gritos acabariam atraindo mais gente. Enfieei a mão no bolso das calças e tirei uma nota grande.

—Tome. Eu levo o livro.

=====

ENCONTREI AVA ADORMECIDA, sentada numa cadeira, ao lado da cama onde Hossi lutava contra a morte, ou se deixava embalar por ela, não sei bem. O hoteleiro entrou na Clínica da Muxima em coma e permanecia desde então ligado a aparelhos. Melquesideque, que me recebeu à entrada, não procurou esconder a gravidade da situação:

—Reze — disse-me. — Ainda que não seja crente, reze pelo nosso amigo.

Prometi-lhe que rezaria, embora sem saber como, pois falta-me a prática e a convicção. Perguntei-lhe se poderia contribuir para pagar as despesas da clínica. O médico sorriu. Disse-me para não me preocupar, pois o doutor Tolentino de Castro insistira em arcar com todos os custos. Conduziu-me até ao quarto e deixou-me lá. Fiquei sentado do lado oposto a Ava. A mulher dormia, muito direita, sustentada na ampla arquitetura do próprio torso. Despertou de repente, estremunhada, como se uma mão fantasma a tivesse sacudido. Olhou-me sem surpresa:

—O Hossi quer falar com o senhor.

—Como assim, ele acordou? Falou?

—Sonhei com ele. Sonhei com ele, como acontecia antigamente, em Havana.

—Não pode ser.

—Há muita coisa que não pode ser. Em todo o caso, sonhei com o Hossi. Disse-me que você tem de encontrar o diário dele.

Eu sabia que Hossi escrevia um diário. Uma tarde conversámos sobre isso. Achei curioso que ambos escrevêssemos diários. Não é algo muito frequente. O hoteleiro discordou: disse-me que talvez não fosse um hábito em Luanda, até porque os luandenses são mandriões e desorganizados, mas que no tempo da guerrilha muita gente escrevia diários.